

ANTROPOLOGIA EVOLUTIVA CRISTÃ NO PENSAMENTO DE PIERRE TEILHARD DE CHARDIN

Calógero Carrubba*

Resumo

Pierre Teilhard de Chardin, afamado cientista do nosso século, baseado nos dados oferecidos pelas ciências, na sua obra-prima, 'O Fenômeno Humano', nos apresenta a sua visão do mundo e do homem, como realidade em evolução rumo a Alguém que representa a sua meta final. Teilhard, através da sua obra de cientista, de pensador e de crente, quer projetar para os homens do seu tempo, como também para os das gerações futuras, qual é a meta que eles são chamados a alcançar livre e responsavelmente. Tomando consciência do processo evolutivo que preparou e atuou seu comparecimento sobre a terra e os colocou no topo da escada da vida, os homens são chamados a progredir na linha evolutiva que se direciona contemporaneamente para o alto e para frente. Para realizar esse progresso, eles devem unir-se entre si na liberdade, e através do amor, porque só o amor unifica e sublima as consciências rumo a um ultra-centro comum no qual cada um possa encontrar a perfeição do próprio cumprimento, através da união. Esse ultra-centro é o ponto final a que tende toda a evolução. Ele não é apenas algo mas é Alguém, isto é, um Ser pessoal sumamente amável, capaz de atrair a Si todos os homens e de amá-los eternamente.

PALAVRAS-CHAVE: Evolução, realização humana, sentido da vida.

Abstract

Pierre Teilhard de Chardin, a famous scientist of our century, based on the data offered by the Sciences, in his masterpiece, 'The Human Phenomenon', he shows us his view of world and man, as reality in evolution toward Somebody that stands for his final goal. Teilhard, through his work of scientist, of thinker and of believer, wants to project to the men of his time, as well as to the future generations, what is the goal that they are called to reach in a free and responsible way. Being aware of the evolutionary process that prepared and acted his attendance on the Earth and put them on the top of the stairs of life, the men are called to progress in the evolutionary line that directs itself contemporaneously to the top and forward. To accomplish that progress, they must get together in the freedom, and through love, because only love joins and sublimates the consciousness toward a common ultra-center, in which each one can find the perfection of his own accomplishment, through the union. That ultra-center is the final point that leads to all evolution. It is not only something, but it is Somebody, that is, a Personal Being, extremely lovable, able to attract to himself all the men and love them forever.

KEYWORDS: Evolution, human fulfillment, sense of life.

* Docente da UNIPAR. Doutor em Filosofia.

Introdução

Existem, na história da cultura, personalidades de grande relevância cuja contribuição é verificável através de uma aproximação à sua existência quotidiana, às suas relações existenciais, às suas dimensões humanas, sejam elas íntimas, bem como habituais: nelas operou-se tal compenetração entre pensamento e ação, que é impossível compreender o primeiro sem indagar sobre a segunda.

Essa foi, em muitos sentidos, a complexa e poliédrica personalidade de Pierre Teilhard de Chardin, afamado cientista, pesquisador incansável, profeta e místico do nosso tempo.

Teilhard, através de seus escritos, consegue exercer um fascínio especial sobre os seus leitores, que ficam entusiasmados pela visão do homem que ele apresenta: uma visão dinâmica, evolutiva, colocada numa justa relação com a visão do Universo. Este, pois, não é mais concebido como uma realidade estática; mas, conforme os dados mais recentes das ciências positivas, é uma realidade em movimento, em evolução.

Nesta visão dinâmica, o homem aparece como «eixo e flecha da evolução» e, ao mesmo tempo, como o ápice do universo, simultaneamente em via de complexificação material, de interiorização psíquica e de convergência cada vez mais acelerada para um Ponto final.

O problema do homem, pela sua fundamental importância, sempre foi e continua sendo sempre objeto de reflexão de todas as correntes filosóficas que, de um modo ou de outro, tentaram e tentam definir a natureza humana e resolver os problemas a ela inerentes. A esse respeito, o Concílio Vaticano II assim se expressa:

Mas o que é o homem? Muitas opiniões ele expressou e expressa sobre si mesmo, opiniões

várias e também contrárias, porque com freqüência ou se exalta assim que faz de si uma regra absoluta, ou se rebaixa até o desespero, acabando de tal modo na dúvida e na angústia¹.

No contexto sociocultural atual, uma resposta de tipo tradicional sobre o homem, resposta baseada sobre uma concepção estática da realidade, não parece ser mais válida. Por consequência, não parece atingir mais a mentalidade contemporânea que, pelo contrário, tem da realidade uma concepção dinâmica, enriquecida pelas contribuições das ciências positivas.

Nesta nova concepção da realidade, o discurso sobre o homem não pode mais partir de pressupostos metafísicos ou religiosos dedutivos. Mas, para que ele possa ser recebido pela mentalidade contemporânea, é preciso que seja, sobretudo, um discurso de tipo indutivo: que assuma em si os dados das ciências humanas e positivas e a elas constantemente se refira². O discurso sobre o homem deve procurar responder aos problemas que se põem os nossos contemporâneos. Estes são problemas em estrita conexão com a ciência e, portanto, exigem uma resposta adequada.

No quadro desta problemática atual, a obra de Teilhard quer ser uma tentativa de resposta e também uma mensagem de esperança para os enormes problemas, angústias e inquietudes que afligem o homem atual. Teilhard estuda o problema do homem, partindo dos dados que nos oferecem a geologia e a paleontologia. Conforme esses dados, ele procura estudar o problema das origens do homem e do lugar que ele ocupa na natureza, evidenciando que o homem não apareceu por acaso, mas, depois de um longo processo evolutivo, que mergulha suas raízes no estofa mesmo do Universo. Teilhard mostra também a distinção essencial entre os homens e os animais, distinção que consiste principalmente na capacidade de reflexão como fenômeno tipicamente

¹ CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo. N° 12.

² NOTO, Antônio. La ragione contro se stessa. Palermo: Palumbo, 1972: 35.

humano. Ele realça que toda a evolução é orientada e finalizada para o homem que, bem por isso, tornou-se a flecha mesma da evolução.

Teilhard, nas suas obras, nos apresenta a sua visão pessoal, original e otimista do homem. Esta, além de ser uma visão baseada sobre os dados da ciência, é também e sobretudo uma visão cristã do homem. De fato, somente a fé autêntica em Cristo Ressuscitado poderia suscitar nele a genial intuição de que a evolução, com o aparecimento do homem, não parou, mas continua a nível da noosfera: a Humanidade evolui incessantemente para uma forma cada vez mais acentuada de socialização. E cada vez mais unida em si mesma, ela marcha rumo a Alguém que possa coroar e satisfazer eternamente o esforço humano e a sede de felicidade e de amor.

1. Finalidade da obra de Teilhard de Chardin

A importância da obra de Teilhard deve atribuir-se ao fato de que ele quis projetar uma nova visão do homem, partindo dos dados oferecidos pela ciência e expressamente pelos da Geologia e da Paleontologia. A esse respeito assim ele escrevia:

Intelectualmente eu estou sempre muito interessado e absorvido pelas pesquisas técnicas de geologia, num domínio e num país ainda cheios de coisas para descobrir. Contudo, especialmente de dois anos até aqui tenho a impressão de estar pouco a pouco atraído pelo estudo da humanidade, não pré-histórica, mas presente. Penso o homem sempre mais como o grande fenômeno terrestre, aquele no qual culminam os maiores acontecimentos geológicos e o mais vasto movimento da vida. Dito em outras palavras, descubro que a geologia tem prolongamentos

humanos (...). A minha primeira finalidade seria a de mostrar a todos os que se ocupam de coisas humanas gerais como a geografia, a economia, a política... qual é a ordem de grandeza (verdadeiramente geológica), e o grau de organização (verdadeiramente biológica e hiperbiológica) das realidades de que eles tratam. Sem percebê-lo, nós vivemos a idade mais dramática e mais movimentada do nosso planeta; os geólogos, e não sei por quê, consideram todas as esferas concêntricas desta nossa terra, menos uma: aquela que é constituída pelo estrato humano pensante; e os que se interessam pelo homem normalmente são estranhos à geologia. Conviria que os dois pontos de vista fossem unidos³.

Enquanto cientista, indubitavelmente, a Geologia e a Paleontologia o apaixonavam e continuarão a apaixoná-lo sempre. Porém, na Geologia, descobre uma dimensão antropológica: a Ciência da Terra não pode ficar indiferente diante do imenso fenômeno terrestre constituído pela vida e particularmente pelo homem. O estudo da evolução humana tem suas perspectivas no futuro: Se o homem nasceu por evolução, se ele continua a evoluir até os nossos dias, nasce irremediavelmente o problema da sua evolução futura. O profundo interesse de Teilhard se desloca assim do passado para o presente, para perspectivar uma nova visão sobre o futuro da Humanidade. O passado, agora, o interessa não apenas por si mesmo, mas também pela luz que ele projeta sobre a situação presente da Humanidade, e pela possibilidade de encontrar nela uma lei e uma mensagem para o futuro.

A exigência da harmonia entre ciência e fé é sentida fortemente pelo seu espírito. Mas somente após longos anos de reflexão e de pesquisa ele consegue operar uma maravilhosa síntese entre estes dois reinos que no começo lhe pareciam em contraste:

³ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. Carta de 31/12/1926. Cit. Por CUENOT, C., o. c.: 106.

A originalidade da minha fé. Eis: ela afunda suas raízes em dois setores da vida normalmente considerados em contraposição. Por educação e formação intelectual, pertencço aos filhos do céu. Mas por temperamento e por estudos profissionais sou um filho da terra. Assim, pois, a vida me pôs no centro dos dois mundos dos quais, por experiência familiar, conheço a teoria, a língua e os sentimentos, não levantei entre eles nenhuma barreira interior, mas deixei desenvolver em plena liberdade recíproca e reagir uma sobre a outra, no fundo de mim mesmo, duas influências aparentemente opostas. Agora, no fim dessa operação, depois de trinta anos consagrados à pesquisa da unidade interior, tenho a impressão de que se operou espontaneamente uma síntese entre as duas correntes que me solicitam. Uma não sufocou a outra. Hoje provavelmente acredito ainda mais em Deus e certamente mais do nunca no Mundo⁴.

Teilhard, através da sua obra de cientista e de crente, quis indicar aos homens do seu tempo, como também aos das gerações futuras, qual seja a meta que eles são chamados a alcançar livre e responsabilmente.

Tomando consciência do processo evolutivo que preparou e atuou seu comparecimento sobre a Terra e os colocou no topo da escada da vida, os homens são chamados a progredir na linha evolutiva que os impele e os direciona contemporaneamente para o alto e para frente. E para realizar esse progresso, devem unificar-se entre si na liberdade, mesmo porque (...) *“a evolução, pelo mesmo mecanismo de suas sínteses, se carrega cada vez mais de liberdade”*.⁵

Esta unificação realiza-se através do amor, pois só o amor unifica e sublima verdadeiramente as consciências.

*A única coisa capaz de atuar plenamente sua síntese do espírito (única definição possível do progresso) é o encontro, centro a centro, das unidades humanas, como pode realizá-las um recíproco amor comum. E, de outro lado, entre os elementos humanos, inumeráveis por natureza, existe um só modo possível para amar-se: verem-se como super-centrados todos juntos num mesmo ultra-centro comum, no qual cada um possa encontrar a perfeição do próprio projeto, só possível mediante a união.*⁶

É este *ultra-centro* o ponto final para o qual tende toda a evolução. Isso não é só algo, mas *Alguém*, isto é, um Ser pessoal sumamente amável, capaz de atrair a Si todos os homens e de amá-los eternamente.

2. O Fenômeno Humano

A obra em que Teilhard nos mostra melhor a sua visão do mundo e do homem como realidade em evolução para *Alguém* que represente a sua meta final é sua obra-prima. “O Fenômeno Humano”. A respeito dessa importante obra, o notório cientista Julian Huxley reconheceu que, no estudo do fenômeno humano, Teilhard tinha visto mais longe do que ele. E o historiador Arnold Toynbee escrevia que Teilhard seria já,

(...) um gigante da inteligência, se tivesse se limitado somente à paleontologia; mas, de fato é também um poeta e um cristão; e isto faz dele um gigante seja da espiritualidade seja da inteligência. Ele quebra as barreiras entre as disciplinas especializadas que separam os mandarins acadêmicos, porque possui um intelecto

⁴ Apud MONDIN, Battista. o.c.: 65.

⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. L'avenire del l'uomo. Milano: Il Saggiatore, 1972: 117.

⁶ Idem, Ibidem: 121-122.

que enxerga além das convencionais dicotomias do pensamento... *Le Phénomène Humain* é um ato de libertação espiritual. Sua visão unitária vai ao encontro de uma necessidade espiritual do nosso tempo.⁷

O Fenômeno Humano, como esclarece Teilhard, mesmo na advertência do livro, não quer ser uma <<memória metafísica>> nem um ensaio teológico; mas quer ser uma <<memória científica>> fundada e mantida sobre o terreno cuidadosamente guardado da observação científica objetiva. A tal propósito assim ele se expressa:

*Para ser corretamente compreendido, o livro que aqui apresento tem que ser lido, não como uma obra de metafísica, muito menos ainda como uma espécie de ensaio teológico, mas única e exclusivamente como uma dissertação científica. A própria escolha do título o indica. Nada mais que o Fenômeno. Mas o Fenômeno inteiro.*⁸

De Lubac afirma que, com essa advertência, Teilhard entendia dirigir-se àqueles cujo olhar lhe parecia ser míope, para conduzi-los a enxergar finalmente o significado proeminente do Homem sobre a Natureza e a natureza orgânica da Humanidade.⁹ Teilhard limita sua reflexão só ao fenômeno, mas também a todo o fenômeno que penetra em toda a sua profundidade, levando às extremas conseqüências o que lhe dita ou lhe sugere a observação científica. Sua intenção é acompanhar (...) “*as etapas do leitor até fazer-lhe encontrar através do objetivo a interioridade e através da massa humana o valor da pessoa*”.¹⁰

Teilhard afirma que no seu livro não busca,

como o filósofo, os primeiros princípios do ser, mas busca só a ligação entre as causas, assim como estas aparecem no plano da ciência. O princípio que utiliza para estruturar sua visão é, portanto, um princípio de ordem científica: o princípio da evolução com sua lei de complexidade-consciência, que confere a cada realidade terrestre o próprio lugar no processo do devir e abarca todos os fenômenos numa unidade transparente. Pode-se dizer que Teilhard na sua obra: *O Fenômeno Humano* quer reunir todos os dados das grandezas da experiência humana numa única visão cósmica, que vai da química e da física à história e à religião. Dessa forma nasce da obra:

(...) *uma imagem do mundo que estende-se com um movimento homogêneo da matéria primitiva ao homem e ao final cumprimento da história: um processo marcado por uma gradual ascensão para formas de existência e de vida sempre mais elevadas, que encontra seu cumprimento final no Ponto Ômega.*¹¹

3. O Desenvolvimento da Noosfera

3.1 Socialização animal e socialização humana

O processo de socialização não é algo novo na natureza; antes a socialização constitui para Teilhard uma das propriedades universais da matéria vitalizada. Ela pode se reconhecer nos graus mais simples da vida, como, por exemplo, na formação das colônias animais. Nos vários *phyla* animais, logo que é alcançado um determinado grau de maturidade específica, aparece uma tendência ao agrupamento, à constituição de unidades super-individuais e, portanto, à socialização. Contudo, pode-se observar

⁷ TOYNBEE, Arnold. Cit. por ORMEA, Ferdinando. Guida al pensiero scientifico e religioso. Firenze: Vallecclli, 1969: 21-22

⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O Fenômeno Humano. Porto: Tavares Martins, 1970: 1.

⁹ DE LUBAC, Henri. II pensiero religioso del Padre Teilhard de Chardin. Brescia: Morcelliana, 1967: 108.

¹⁰ Idem, Ibidem: 111.

¹¹ SMULDERS, Pierre. La visione di Teilhard de Chardin. Torino: Borla, 1965: 40

que, nos animais, tal processo é bastante débil e geralmente não ultrapassa o grupo familiar. No caso do homem, pelo contrário, é todo o *phylum* que, de um só golpe, tende a totalizar-se em bloco. A marcha para a socialização que, nas outras espécies animais sobre uma pausa, continua com sucesso no homem, porque o mecanismo com o qual se realiza é totalmente diverso: O homem domina, cria, dirige, até um certo ponto, a evolução de si mesmo; e, criando e inventando, ele prolonga a obra da cosmogênese. Pode-se dizer que até o advento do homem, embora a vida cobrisse a Terra, ficava dividida e constituía só um conjunto de espécies justapostas. Pelo contrário, com o aparecimento do pensamento, tudo muda: A Noosfera tende a constituir, através de um processo de socialização, uma verdadeira e própria unidade biológica. Isto acontece porque, como afirma Tresmontant, enquanto até o homem, em matéria de morfogênese e de cerebração, o papel fundamental era desenvolvido pelas leis de seleção natural, a partir do homem, as alavancas do comando evolutivo são tomadas pelas mesmas forças da invenção reflexa.¹²

3.2 Atuação histórica da socialização

O verdadeiro processo de socialização vem sendo fixado pelos paleontólogos com o nascimento da civilização humana no Neolítico. De fato, nesse período, o homem começou a dividir a terra, a fixar sua morada, a iniciar uma obra de domesticação dos animais úteis para ele e também de cultivo das plantas necessárias para o seu sustento. A criação e a cultura substituíram a colheita e a caça, dando origem a uma nova forma de atividade humana: O homem tornou-se pastor e agricultor. O resto foi uma consequência dessa fundamental mudança. O Neolítico foi o período da fundamental estabilização da humanidade e das suas fundamentais invenções e descobertas materiais,

como também das descobertas e das aplicações fundamentais das normas de direito e de moral.

Socialmente, em matéria de propriedade, de moral, de casamento, pode muito bem dizer-se que tudo foi experimentado...

Simultaneamente, no meio mais estável e mais denso criado pelos primeiros estabelecimentos agrícolas, a necessidade e o gosto da pesquisa regularizam-se e animam-se. Maravilhoso período de investigação e de invenção, em que se manifesta, sob a forma reflexiva, na inigualável frescura de um novo começo, o eterno tentear da Vida! Tudo o que era acessível parece ter sido ensaiado nessa época extraordinária. Seleção e melhoramento empíricos dos frutos, dos cereais e dos rebanhos. Ciência da cerâmica. Tecelagem. Muito cedo, os primeiros elementos de uma escrita pictográfica - e muito breve, os começos da metalurgia.

E então, por isso mesmo, mais solidamente concentrada sobre si própria, melhor apetrechada para a conquista, a Humanidade pôde, enfim, lançar as suas últimas vagas ao assalto das posições que não tinha atingido. Encontra-se doravante em plena expansão.¹³

Podemos notar que esse processo de socialização é dirigido para o homem. Assistimos, de fato, ao nascimento e à formação das tribos, das nações e dos estados que, através de um complicado jogo de divergências e de convergências, favorecem a harmonização dos vários ramos e das várias correntes humanas:

Emergem em primeiro plano as duas séries de efeitos que anunciávamos acima, ao descrever, nas suas grande linhas, a marcha da Hominização:

1) Aparecimento, em primeiro lugar, por cima dos

¹² TRESMONTANT, Claude. Introduction à la pensée de Teilhard de Chardin. Paris, ed. du Seuil, 1956.

¹³ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O fenômeno humano. o. c.: 218-219.

verticilos genealógicos, das unidades políticas e culturais: gama complexa de agrupamentos que, nos múltiplos planos a distribuição geográfica, das ligações econômicas, das crenças religiosas, das instituições sociais, se mostram capazes, após terem submergido a <<raça>>, de interferir entre si em todas as proporções.

2) E, simultaneamente, manifestações, entre estes ramos, de um novo gênero, das forças de coalescência (anastomoses, confluências) libertadas e cada um deles pela individualização de uma bainha ou, mais exatamente, de um eixo psicológico. — Todo um jogo conjugado de divergências e de convergências.¹⁴

Esse fenômeno de confluências dos ramos humanos é favorecido pela transmissão da herança cultural ligada à tradição transmitida pelas gerações anteriores, como também pelo processo de assimilação das civilizações, que acontece através da conquista dos povos. De fato, por meio das guerras, os povos não apenas são suprimidos barbaramente, mas também são assimilados: o mais civilizado, pouco a pouco, transforma o menos civilizado. *“No fundo, não será no encontro, no conflito e, finalmente, na gradual harmonização dessas grandes correntes somático-psíquicas que consiste o essencial da História?”¹⁵*

Nesse período começam a manifestar-se alguns pólos de atração, como presságio de um estado mais elevado da Noosfera. Temos assim a civilização Maia na América Central, a Chinesa, a Híndia, a do Nilo e a da Mesopotâmia.

A partir das grandes raças humanas: branca, negra, mongol, novas escamas humanas se formam, novos raios divergem em leque, se entrecruzam com os vizinhos, desaparecem, conforme as leis gerais da

filogênese animal. Mas todo esse processo acontece numa atmosfera biológica enriquecida e renovada, na qual uma tendência prevalece sobre as outras: aquela da confluência dos ramos.

3.3 A socialização projetada para o futuro

No período do desenvolvimento e da expansão da humanidade, realizou-se a constituição de um patrimônio comum psíquico e iniciou-se a marcha para a socialização. A Humanidade conseguiu assim superar as forças de individualização que tentavam desagregá-la. Agora, pelo contrário, instaurou-se, há poucos decênios, uma nova fase na história da humanidade: aquela da compressão e da convergência. Estamos, pois, assistindo a um envolvimento da Humanidade sobre si mesma; esta se verificando quase uma tomada de contato geral da inteira massa humana sobre si mesma, sem nenhum sinal de parada evolutiva. A esse respeito, Teilhard compara a Humanidade a uma onda gigantesca que parte de um pólo para alcançar o pólo oposto. Ora, essa onda, até o equador, expande-se plenamente; enquanto, a partir do equador, começa a refluir sobre si mesma, para poder-se expandir novamente sob outra forma. Assim nós percebemos que marchamos e que progredimos rumo a um ponto crítico novo:

Sob o efeito da Reflexão e das inflexões que esta acarreta, as cadeias fecham-se; e a Noosfera tende a constituir-se num único sistema fechado — onde cada elemento de per si vê, sente, deseja, sofre as mesmas coisas que todos os outros ao mesmo tempo.

Uma coletividade harmonizada das consciências, equivalente a uma espécie de super-consciência. A Terra não só a cobrir-se de miríades de grãos de Pensamento, mas também a envolver-

¹⁴ Idem, Ibidem: 221-222.

¹⁵ Idem, Ibidem: 224.

se num único invólucro pensante até formar apenas, funcionalmente, um único e vasto Grão de pensamento, à escada sideral. A pluralidade das reflexões individuais a agruparem-se e a reforçarem-se no ato de uma única Reflexão unânime.

*Tal é a figura geral sob a qual, por analogia e por simetria com o passado, nós somos levados cientificamente a imaginar no futuro esta Humanidade fora da qual nenhuma saída terrestre se abre às exigências terrestres da nossa Ação.*¹⁶

Hoje estamos assistindo ao fato de que sobre o nosso planeta a população humana, em contínuo aumento, encerra-se cada vez mais sobre si mesma, até alcançar a “constituição de uma massa quase sólida de substância hominizada”¹⁷. Esse fenômeno de contínua aproximação dos homens entre si leva a uma forma melhor de organização social e humana: Quanto mais a Humanidade cresce e se encerra sobre si mesma, tanto se vê obrigada a descobrir sempre novos meios de organizar sua vida, utilizando no modo mais econômico a energia e o espaço à disposição. Esse processo de recíproca interação humana é favorecido pela descoberta dos grandes meios de comunicação: o trem, o carro, o avião, tornaram-se cada vez mais seguros e sempre mais ao alcance de todos. Esses meios de transporte estenderam enormemente a influência psíquica de cada ser humano, reduzida antes a poucos quilômetros. Assim também, a descoberta das ondas eletromagnéticas, a difusão da imprensa, do rádio, da televisão, do telefone e agora também do computador e da Internet reduziram ainda mais as distâncias. Qualquer notícia hoje é conhecida contemporaneamente em dada cidade ou aldeia dos cinco continentes, assim que (...) “cada

indivíduo se encontra doravante (ativa ou passivamente) simultaneamente presente à totalidade do mar e dos continentes — coextensivo à Terra”.¹⁸

Esse processo leva inevitavelmente os homens de todas as raças a entrar cada vez mais em contato psíquico entre si, a compenetrar-se uns dos outros, a soldar-se entre si, formando um só complexo.

*Desse modo, no decurso da filogênese humana, a diferenciação dos grupos conserva-se até um certo ponto — quer dizer, na medida em que, ao criar por tanteio tipos novos, ela constitui uma condição biológica de descoberta e de enriquecimento, mas, em seguida, ou ao mesmo tempo, como acontece numa esfera em que os meridianos jorrando de um pólo, não afastam senão para se juntarem no pólo oposto, essa divergência cede o passo e subordina-se a um movimento de convergência em que raças, povos e nações se consolidam e se completam por mútua fecundação.*¹⁹

Realiza-se assim um fenômeno completamente novo: o fenômeno da plantização humana. Esse fenômeno quer significar que a evolução não opera mais “senão com um fim e sob formas superiores de aglomeração e de convergência”²⁰. Podemos, portanto, compreender que o futuro não poderá ser um benefício reservado a poucos homens ou a poucos grupos isolados da massa, mas deva ser um bem alcançado pelo esforço de toda a humanidade e ao alcance de todos os homens:

A saída do mundo, as portas do Futuro a entrada no Super-Humano não se abrem para

¹⁶ Idem, Ibidem: 274-275.

¹⁷ Idem, Ibidem: 260.

¹⁸ Idem, Ibidem: 261.

¹⁹ Idem, Ibidem: 263-264.

²⁰ Idem, Ibidem: 264.

diante a alguns privilegiados apenas, nem a um só povo eleito entre todos os povos! Elas não cederão senão a um empurrão de todos juntos, numa direção em que todos juntos podem reunir-se e completar numa renovação espiritual da Terra — renovação cujos aspectos temos agora de precisar, e sobre cujo físico de realidade nos cumpre meditar.²¹

3.4 Uma resposta tranqüilizante à inquietude moderna

Apesar dessas perspectivas tão sugestivas que se abrem para a humanidade, ela sente-se angustiada, inquieta:

*Consciente ou inconfessada, a angústia, uma angústia fundamental do ser, surge, apesar dos sorrisos, no fundo do coração, ao cabo de todas as conversações. Bem longe estamos, no entanto, de reconhecer distintamente em nós a raiz dessa ansiedade. Algo nos ameaça, algo nos falta mais do que nunca — sem que saibamos exatamente o quê.*²²

Às vezes temos a impressão de que, para nós, não haverá um futuro conveniente, conforme a linha da evolução. De fato, estamos percebendo que:

Algo se desenvolve no Mundo, por meio de nós próprios — talvez à nossa custa. E, o que é ainda mais grave, apercebemo-nos de que, na grande partida que se joga, nós somos os jogadores ao mesmo tempo que as cartas e a entrada. O jogo não poderá continuar, se abandonarmos a mesa. Mas nada poderá forçar-

*nos a ficar sentados à sua volta. Valerá a pena o jogo? Ou estamos a ser logrados? Pergunta que mal se formula ainda no coração do Homem, habituado há centenas de séculos a <<engolir>> tudo. Mas pergunta cujo simples murmúrio, já perceptível, anuncia infalivelmente os próximos estrondos. O século passado experimentou as primeiras greves sistemáticas nas fábricas. O século que vem não findará sem ameaças de greve na Noosfera.*²³

A inquietude moderna parece desabrochar do fato de que o mundo consegue já a enxergar-se, mediante a reflexão, como na verdade ele é na sua realidade profunda; e, vendo-se assim limitado, pode apresentar-se perigo de que ele se rejeite a si mesmo. A Humanidade está angustiada, porque pode-se delinear o perigo de que todos os homens se recusem a estar sentados na mesa do jogo e continuar a grande partida humana:

*Os elementos do Mundo que se recusam a servir o Mundo, porque pensam. Mais precisamente ainda, o Mundo que se recusa a si próprio ao aperceber-se pela Reflexão. Eis o perigo. O que, sob a inquietação moderna toma forma e vulto, é nada mais nada menos que uma crise orgânica da Evolução.*²⁴

A esse respeito, Teilhard nos tranqüiliza dizendo que a humanidade não pode dar um passo errado rumo uma direção que sabe estar fechada:

Nós não nos lançaremos à tarefa que agora nos é confiada de fazer progredir a Noogênese senão com a condição seguinte: que o esforço que nos é pedido tenha probabilidade de obter êxito e

²¹ Idem, Ibidem: 266.

²² Idem, Ibidem: 245.

²³ Idem, Ibidem: 248-249.

²⁴ Idem, Ibidem: 249.

*nos levar o mais longe possível. O animal pode lançar-se cegamente para um beco ou para precipício. O Homem nunca dará um passo numa direção que ele sabe impraticável. E eis precisamente o mal que nos perturba.*²⁵

Nós, portanto, podemos agir no mundo e poderemos continuar a agir, só porque temos a certeza de que possuímos a capacidade de nos realizar. Isto é:

*Que nos sejam garantidos o espaço e as probabilidades de nos realizarmos, quer dizer, de chegarmos, progredindo, direta ou indiretamente, individual ou coletivamente, até o termo de nós mesmos. Reclamação elementar, salário mínimo: e que encerram, no entanto, uma exigência, uma exigência enorme.*²⁶

Essa esperança humana deve realizar-se, porque a consciência humana não pode envolver-se sobre si mesma, mas deve proceder sempre para frente, embora, ao longo do caminho, com frequência, obstáculos e pontos críticos:

Por natureza da obra, e correlativamente por exigência do obreiro, uma Morte total, um Muro intransponível onde iria embater e desaparecer a Consciência, são, pois, <<impossíveis>> com o mecanismo da atividade reflexiva, cuja mola romperia imediatamente.

Quanto mais o Homem se tornar Homem, menos aceitará mover-se, a não ser para algo de interminantemente e indestrutivelmente novo. algo de <<Absoluto>> se acha implicado no próprio

*jogo da operação.*²⁷

Isto significa que a Humanidade deve necessariamente avançar na esperança de alcançar uma meta que seja algo novo. De fato, a vida não poderia continuar o seu ciclo, se não fosse iluminada pela esperança e atraída por um futuro inexaurível. Assim também a Humanidade, sem o gosto de viver, cessaria bem cedo de inventar e de criar uma obra que, com antecedência, saberia já condenada. Então aconteceria que: *“Ferida na própria origem do impulso que a sustenta, cedendo à náusea ou à revolta, desagregar-se-ia ou defar-se-ia em pó”*²⁸. Portanto, é necessário que a Humanidade tenha algo, ou melhor alguém para o qual tender no seu esforço de realização e de progresso. Pois, se assim não fosse, e se ela não conseguisse enxergar a utilidade desse maravilhoso esforço de aperfeiçoamento, o seu impulso vital se esgotaria de repente e a evolução inteira seria arrastada na caída, pois o homem mesmo se tornou a flecha da evolução. O Homem, pois, se nos manifesta (...) *“não já centro do Universo, como ingenuamente o julgáramos — mas, o que é muito belo, o homem flecha ascendente da grande síntese biológica”*.²⁹

Portanto, assevera Teilhard, precisamos sarar da nossa angústia existencial, porque estamos certos de que a natureza não pode não satisfazer às nossas exigências de um futuro. Se assim não fosse, o pensamento, fruto de milhões de anos de esforço, teria nascido morto, sufocado num universo absurdo que aborta a si mesmo. Pelo contrário, temos a certeza de que a vida, pelo mesmo fato que começou a sua obra, significa que tem condições de levá-la a termo com os mesmos métodos e com a mesma infalibilidade com a qual iniciou. Impõe-se, portanto, a urgência de que a vida da Humanidade, mais do que fechar-se

²⁵ Idem, Ibidem.

²⁶ Idem, Ibidem.

²⁷ Idem, Ibidem: 250.

²⁸ Idem, Ibidem: 251.

²⁹ Idem, Ibidem: 241.

em si mesma, se abra cada vez mais para espaços psíquicos ilimitados: “*Existe uma saída – uma sobre alma acima das nossas almas. Mas então essa saída, para que aceitemos meter-nos por ela, tem de dar sem restrição para espaços psíquicos ilimitados, num Universo em que possamos cegamente fiar-nos*”³⁰.

Como conclusão daquilo que temos afirmado a esse respeito, brota a resposta de esperança que dá Teilhard e que preenche o nosso coração de alegria: temos que ter confiança e não desesperar, porque, para nós, existe, sob uma forma coletiva, não apenas uma sobrevivência, mas uma Super-Vida e somos chamados a tender para ela.

4. O Ponto Ômega

4.1 Ômega, centro de unificação da Humanidade

*Entre os que houverem tentado ler até o fim estas páginas, muitos fecharão o livro insatisfeitos e perplexos, perguntando-se se acaso os levei a passear pelos fatos, pela metafísica ou pelo sonho.*³¹

Estas palavras, que concluem o último capítulo do Fenômeno Humano, demonstram como Teilhard estava bem consciente da perplexidade que teria suscitado em muitos leitores a parte final do livro que é, de resto, a parte mais interessante e mais ousada da sua cosmovisão. A esse respeito, Tresmontant afirma:

Muitos cientistas seguem Teilhard na análise da complexidade crescente, da cefalização, da convergência da evolução, mas não aceitam essa última etapa da sua visão do mundo. A síntese

*exposta anteriormente funda-se sobre a análise do passado e do presente. A determinação do foco de convergência Ômega é uma perspectiva dirigida para o futuro.*³²

A parte conclusiva da visão teilhardiana, conforme o pensamento dos maiores estudiosos do assunto, como De Lubac, Smulders, Wildiers, Crespy, Tresmontant, Ormea, é a parte fundamental e também a mais importante da sua doutrina. Esta lhe permite estabelecer um ponto de encontro entre a sua concepção científica e religiosa do mundo. Desse modo, ele consegue criar uma harmoniosa síntese que constitui uma das mais originais visões da época moderna.

A humanidade, apesar das etapas críticas que dificultam o seu caminho, lenta mais incessantemente, caminha para algo que a transcende e a atrai. Pois, se a humanidade ficasse fechada na própria imanência, os homens estariam bloqueados pela hostilidade recíproca na sua obra de aperfeiçoamento e de evolução empreendida e se degradariam reciprocamente.

*O século XIX vivera à vista da terra prometida. Aproximava-se, pensava ele, uma nova Idade de Ouro, iluminada e organizada pela ciência, inflamada de fraternidade. Ora, pelo contrário, eis-nos lançados em dissensões cada vez mais profundas e mais trágicas. Embora possível, talvez mesmo verossímil em teoria, a idéia de um Espírito da Terra não resiste à experiência. Não, o homem nunca chegará a ultrapassar o homem, unindo-se a si próprio. Utopia de parte, o mais cedo possível. E nada mais.*³³

Partindo da teoria postulada por Teilhard, de que cada evolução, pela lei de complexidade-consciência, comporta sempre uma ascensão da consciência, pode-se dizer que a evolução humana

³⁰ Idem, Ibidem: 251-252.

³¹ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O Fenômeno Humano. o. c.: 321.

³² TRESMONTANT, Claude. Introduction à la pensée de Teilhard de Chardin. Paris, Ed. Du Seuil. 1956: 74.

³³ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O Fenômeno Humano. o. c.: 278

deverá culminar numa consciência suprema que leve em si mesma “ao máximo grau o que constitui a perfeição de nossa: a inflexão iluminante do ser sobre si próprio”³⁴. A esse ponto, poder-se-ia pensar que a consciência individual venha totalmente aniquilada e absorvida pela consciência suprema, conforme o pensamento das religiões budista e hinduísta. Mas, assevera Teilhard, isto não pode acontecer porque:

Seja em que domínio for – quer se trate das células de um corpo, ou dos membros de uma sociedade, ou dos elementos de uma síntese espiritual – a união diferencia. As partes aperfeiçoam-se e complementam-se em qualquer conjunto organizado. Foi por termos descuidado esta regra universal que tantos panteísmos nos transviaram no culto do Grande Todo em que os indivíduos se perderiam como uma gota de água, se dissolveriam como um grão de sal, no mar. Aplicada ao acaso da soma das consciências, a Lei da União livra-nos desta perigosa e sempre renascente ilusão. Não, ao confluírem segundo a linha dos seus centros, os grãos de consciência não tendem a perder os seus contornos e a misturar-se. Acentuam, pelo contrário, a profundidade e a incomunicabilidade do seu ego. Quanto mais se tornam todos juntos, o Outro, mais se acham <<eles mesmos>>. Como poderia suceder de outra maneira, uma vez que eles se entranham em Ômega? – Poderia um Centro dissolver? Ou melhor, a sua maneira de dissolver não precisamente super-centrar?³⁵.

Assim, mais do que sentir-se absorvida pela consciência suprema, a consciência individual se sentirá mais personalizada, se tornará mais si mesma. Pois cada consciência possui uma tríplice propriedade: “1) de *tudo* centrar parcialmente à sua volta; 2) de poder centrar-se *cada vez mais* sobre si

mesma; 3) por esta própria supercentração, a reunir-se a todos os outros centros que a rodeiam”³⁶.

A Humanidade, para poder-se realizar, deve tender para um ponto de convergência no qual as consciências individuais não vão perder seus contornos, antes vão acentuar sua individualidade.

Pela sua mesma estrutura, Ômega, considerado no seu último princípio, não pode ser senão um centro distinto a irradiar no âmago de um sistema de centros. Um agrupamento em que a personalização do Todo e as personalizações elementares atingem o máximo, sem mescla e simultaneamente, sob a influência de um foco de união supremamente autônomo.³⁷

A esse ponto, uma distinção se impõe ao nosso pensamento: a distinção entre individualidade e personalidade. A solução é dada pelo mesmo Teilhard quando afirma que, quanto mais a pessoa procura separar-se dos outros, tanto mais ela se individualiza, diminui o seu valor e se perde. Enquanto, se ela quiser aperfeiçoar-se a si mesma, deve permanecer unida aos outros:

O termo de nós próprios, o cúmulo da nossa originalidade não é a nossa individualidade – é a nossa pessoa; e esta, em razão da estrutura evolutiva do Mundo, não a podemos encontrar senão unindo-nos. Nenhum espírito sem síntese. Sempre a mesma lei, de alto a baixo. O verdadeiro Ego cresce na razão inversa do <<Egoísmo>>. À imagem de ômega que o atrai, o elemento só se torna pessoal universalizando-se.³⁸

4. 2 A função e as características de Ômega.

Teilhard afirma que a ciência, embora funde o

³⁴ Idem, Ibidem: 283

³⁵ Idem, Ibidem: 287-288.

³⁶ Idem, Ibidem: 284.

³⁷ Idem, Ibidem: 288.

³⁸ Idem, Ibidem: 289.

próprio conhecimento na matéria, contudo, pouco a pouco, está acostumando-se á idéia de que esteja se preparando uma espécie de alma das almas. A esse respeito, citando um cientista contemporâneo dele, assim se expressa:

*Se a cooperação de uns milhões de células no cérebro pode produzir a nossa capacidade de consciência, torna-se mais largamente plausível a idéia de que qualquer cooperação de toda a Humanidade, ou de uma fração dela, determina o que Comte chamava um Grande Ser Super-Humano.*³⁹

Já que Ômega é o ponto de convergência de toda a Humanidade, esclareçamos qual função ele deva ter e quais devem ser suas características principais. Antes de mais nada, Teilhard afirma: “Expressa em termos de energia interna, a função cósmica de Ômega consiste sem suscitar e manter sob a sua irradiação a unanimidade das partículas reflexivas do Mundo⁴⁰. Essa função comporta que Ômega seja um centro personalizante, que tenha a possibilidade de infundir amor e também esteja sempre presente. Ao mesmo tempo, para que Ômega possa exercer a sua função de centro e de unificação da Humanidade, é preciso que ele seja um centro real e atual, capaz de atrair as consciências:

Mas, como poderia ele exercer esta ação, se não fosse de qualquer maneira já desde agora amante e amável? O amor, dizia eu, morre ao contato do Impessoal e do Anônimo. E infalivelmente se degrada com o afastamento no Espaço – e muito mais ainda com a diferença no Tempo. Para nos amarmos, é essencial coexistirmos. Nunca, pois, por muito maravilhosa que seja a sua figura prevista, nunca Ômega

*poderia tão-somente equilibrar o jogo das atrações e das repulsas humanas, se não agisse com potência igual, quer dizer, com o mesmo estofado de Proximidade. – Em amor, como em qualquer outra espécie de energia, é no dado existente que as linhas de força têm de fechar-se, a todo o instante. Centro ideal, centro virtual, nada de tudo isso é suficiente. Para uma Noosfera atual e real, um Centro real e atual. Para ser supremamente atrativo, Ômega deve estar já supremamente presente.*⁴¹

Ômega deve ser um centro autônomo e super-pessoal, que não se identifique com a Humanidade unificada, mas seja algo de distinto e diferente desta. Uma outra característica que Ômega deve possuir é de ser um centro irreversibilizante: um centro no qual a Humanidade possa mergulhar e do qual possa ter a certeza que nunca mais vai atrás, porque ele não se desagregará mais:

*De que serve poder descobrir, no vértice da Evolução, um foco qualquer, se este foco pode e deve um dia desagregar-se?... – Para satisfazer ás exigências supremas da nossa ação, Ômega deve ser independente da queda das potências de que se tece a Evolução.*⁴²

Enfim, Ômega deve ser também o ponto transcendente e último de convergência no qual termina o processo evolutivo de complexificação.

Último termo da série, é ao mesmo tempo fora de série. Não só coroa, mas flecha. De outro modo, a soma desabarria sobre si mesma – em contradição orgânica com toda a operação. – Quando, ultrapassando os elementos, possamos falar do Pólo consciente do Mundo, não basta dizer

³⁹ Idem, Ibidem: 37.

⁴⁰ Idem, Ibidem: 296.

⁴¹ Idem, Ibidem: 296-297.

⁴² Idem, Ibidem: 297.

*que esse emerge da ascensão das consciências: é preciso acrescentar que já se encontra ao mesmo tempo emerso dessa gênese. Sem o que, não poderia nem subjugar no amor, nem fixar na incorruptibilidade. Se, por natureza, não escapasse ao Tempo e ao Espaço que ele reúne, não seria Ômega.*⁴³

Reparamos, então, que no topo da Evolução, Ômega é Centro autônomo, transcendente, pessoal, atual, irreversível. Ele é o Centro que fecha e conclui a Evolução; mas, no mesmo tempo, está fora da Evolução e foge, por sua intrínseca natureza, ao tempo e ao espaço.

5. Conclusão: A meta da socialização humana

5.1 Natureza biológica da socialização

Ao término deste ensaio, é importante tecer algumas reflexões sobre a visão teilhardiana da socialização, pois, conforme o parecer dos maiores estudiosos do pensamento de Teilhard, esta é a parte mais importante e original do seu pensamento. Teilhard assevera que o fenômeno social mergulha suas raízes no campo biológico. Esta afirmação ele a demonstra nas suas obras mais importantes quais são: *O Fenômeno Humano*, *A Visão do Passado*, *O Lugar do Homem na Natureza*, *o Futuro do Homem*. Nestas obras ele demonstra como a matéria evolui até chegar ao limiar do pensamento. Mas, apesar disso, o autor não esquece que a socialização é um fenômeno *sui generis*. Poder-se-ia dizer que não existe nada de humano que não tenha raízes biológicas; mas, de outro lado, não existe nada de humano que tenha uma especificidade irreduzível a qualquer esquema. O ser humano é uma realidade que representa o produto de uma longa história: a própria história do Universo. Ele

tem, pois, um corpo que representa uma organização bioquímica e conserva muitas das características dos primatas antropomorfos. Mas, ao mesmo tempo, é precisamente aquela parte privilegiada do mundo que possui a capacidade de refletir o mesmo mundo no seu íntimo: “Quando o homem pensa o mundo, se encontra a pensar a si mesmo, como quando pensa a si mesmo, pensa contemporaneamente o mundo”.⁴⁴

Para compreender o fenômeno social, Teilhard nos convida, antes de mais nada, a considerá-lo e a colocá-lo na dimensão espaço-temporal, isto é, naquela linha de progressão contínua ao longo da qual se desenvolveram e estão se desenvolvendo a crescente complexificação e a inflexão sobre si mesma do estofado do universo. Portanto, o fenômeno social pode ser definido como uma marcha para um maior psiquismo:

*No caso particular do ensaio aqui apresentado, duas opções primordiais – notemo-lo bem – se juntam uma à outra para sustentar e dirigir todos os desenvolvimentos. A primeira é a primazia concedida ao psíquico e ao pensamento no estofado do universo. E a segunda é o valor “biológico” atribuído ao fato social à nossa volta. Preeminente significação do homem na natureza, e natureza orgânica da humanidade: duas hipóteses que podemos tentar repelir de início; mas, sem as quais, eu não vejo como se há de poder dar uma representação coerente e total do fenômeno humano.*⁴⁵

5.2 A socialização como fenômeno tipicamente humano

Como vimos no tópico precedente, a socialização não é apenas um fenômeno biológico, mas é também um fenômeno tipicamente humano e,

⁴³ Idem, *Ibidem*: 298.

⁴⁴ ORMEA, Ferdinando, *Teilhard de Chardin, guida al pensiero scientifico e religioso*. Firenze: Vallecchi, 1968: 225.

⁴⁵ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. *O fenômeno humano*. o. c.: 2-3

portanto, *sui generis*. Com o aparecimento do homem, inicia-se no mundo um fenômeno novo: uma descontinuidade se insere na continuidade. Mas esta descontinuidade, causada pelo nascimento do pensamento, não é uma ruptura como o resto da evolução. Só que ela vem a assumir um vulto completamente novo e, portanto, diverso do precedente. A evolução, até o homem, procede sozinha a sua marcha. Chegada ao homem, é este que lhe imprime, como sua vontade e liberdade, um rumo, e orienta para novas metas.

*À imprevisibilidade estática que procede da complexificação própria aos sistemas coordenadores, se acrescenta, numa proporção impossível de ser medida, a imprevisibilidade da decisão. Poder-se-ia traduzir esta particularidade, dizendo que os animais são objeto da natureza; enquanto os homens, também eles, sob muitos aspectos, objeto da natureza, são sujeitos da história.*⁴⁶

A evolução, a partir do homem, procede ainda conforme a lei de complexidade-consciência: a noosfera está ainda na linha da biosfera e os homens ainda se unem entre si como se unem as partículas elementares. Mas o modo pelo qual se realiza a união, o caráter dessa união, são diferentes. Nós reparamos estar, aqui, num outro nível; e os fenômenos que se realizam nesse nível, não podem mais identificar-se com os fenômenos puramente biológicos: vontade e liberdade incidem profundamente na linha da evolução e da unificação humana.

*Nós descobrimos que o mundo está em evolução e nós somos o eixo dessa evolução. Nós podemos e devemos construir o mundo do amanhã. Como crianças que se tornaram adultas, estamos em posição crítica nos confrontos do mundo que nos criou. No jogo do desenvolvimento, somos ao mesmo tempo os jogadores e a entrada. Não podemos mais nos subtrair a esse jogo.*⁴⁷

5.3 A humanidade a caminho, rumo ao Ponto Ômega

Durante a leitura destas páginas, temos intuído o que seja e para onde esteja marchando, em definitivo, a humanidade que Teilhard nos descreveu em suas obras, e nos temos perguntado se ele, por acaso, não peca de fácil otimismo.

Ferdinando Ormea, interpretando a este respeito o pensamento de Teilhard, responde, asseverando que a nova humanidade, prevista pelo nosso autor, não é certamente uma super-humanidade composta exclusivamente por “santos” ou “heróis” bergsonianos ou por “super-homens” nietzscheanos. A nova humanidade não seria tampouco uma humanidade composta por uma espécie animal nova: “*Homo Sapientior*” ou “*Metantropus*” como quereria Jéan Rostand. Este autor, pois, prevê uma humanidade formada por super-homens de fabricação humana, obtidos seja aperfeiçoando as mudanças genéticas, seja realizando uma síntese química, seja acrescentando a massa cerebral de um indivíduo, seja intervindo em regiões particulares do cérebro para melhorar as funções. A nova humanidade não será, tão pouco, como indicam as previsões de Huxley, uma humanidade parecida com a atual, na qual, através de variações na constituição genética, se tenha obtido um melhor funcionamento dos neurônios associativos-corticais. Para Teilhard, a humanidade é e será composta por elementos plena e tipicamente “humanos”, como toda a grandeza derivante da sua capacidade de “consciência” e de reflexão; e, ao mesmo tempo, como todas as limitações que derivam da sua naturezas biológica e, portanto, “material”.

Mas, apesar dessa sua dimensão material, a humanidade é caracterizada pelo espírito que a anima e, portanto, pode ser definida como realidade espiritual, embora na sua dimensão da materialidade.

Realidade coletiva, e portanto, sui generis, a humanidade só pode ser compreendida na

⁴⁶ ORMEA, Ferdinando. Op. Cit.: 227

⁴⁷ SMULDERS, Pierre. La visione di Teilhard de Chardin. Torino: Borla, 1965: 129-130.

*medida em que, ultrapassando o seu corpo de construções tangíveis, nós procuramos determinar o tipo particular de síntese consciente que emerge da sua laboriosa e engenhosa concentração. No fim de contas, ela é apenas definível como um Espírito.*⁴⁸

A humanidade que nos apresenta Teilhard, é uma humanidade cujos elementos, apesar de todas suas deficiências e limitações, sentem cada vez mais a necessidade de unir-se uns aos outros, para caminhar “juntos” rumo a “Alguém” que possa satisfazer sua sede de felicidade e de realização pessoal e definitiva. É uma humanidade que, apesar de todas as etapas críticas que encontra no seu caminho, está em contínua ascensão convergente para “Alguém”, sumamente amável e capaz de amar e de atrair a si, de modo irresistível, todas as existências humanas.

Teilhard tem a convicção de que a humanidade tenha começado a fazer uma extraordinária descoberta para o seu futuro: a de estarem todos empenhados solidamente num processo de cosmogênese, culminante numa nova antropogênese, da qual depende, em definitivo, o aperfeiçoamento e a felicidade humana: *“Para sermos plenamente nós mesmos, é em direção contrária, é em sentido de uma convergência como tudo o resto, é para o Outro que temos que avançar”* 49. A humanidade está se tornando cada vez mais consciente do seu estado de imperfeição. Ora, para que ela tenha condições de prosseguir sua marcha para frente e, portanto, para a sua perfeição, precisa de entrever, ao término desse processo, alguma consumação definitiva e definida de “Alguém” que a atraia irreversivelmente a si, num gesto de amor. Somente a existência e a relação como esse “Alguém” entrevisto e amado como o fim da humanidade e o fim da história, pode esclarecer completa e definitivamente a posição que o homem ocupa no mundo, e manifestar o desenvolvimento e o significado de toda a história humana.

Bibliografia

01. ALLEGRA, G. Il primato di Cristo. **Le mie conversazioni con Pierre Teilhard de Chardin**. Palermo: Crociata, 1966.
02. BARJON, L.; LEROY, P. **La carrière scientifique de Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: Editions du Seuil, 1964.
03. BARTHELEMY-MADAULE, M. **Bergson et Teilhard de Chardin**. Paris: Editions du Seuil, 1966.
04. BERGERON, Ph. **L'action humaine de l'oeuvre de Teilhard de Chardin**. Paris: Editions du Seuil, 1967.
05. BLANCHARD, J. P. **Méthodes et principes du Pierre Teilhard de Chardin**. Paris: La Colombe, 1961.
06. BORNE, E. **De Pascal à Teilhard de Chardin**. Paris: Debussac, 1963.
07. CHARDIN, Pierre Teilhard de. **Le phénomène humain**. Paris: Editions du Seuil, 1955.
08. _____. **L'apparition de l'homme**. Paris: Editions du Seuil, 1956.
09. _____. **La vision du passé**. Paris: Editions du Seuil, 1957.
10. _____. **Le milieu divin**. Paris: Editions du Seuil, 1957.
11. _____. **L'avenir de l'homme**. Paris: Editions du Seuil, 1959.
12. _____. **L'énergie humaine**. Paris: Editions du Seuil, 1962.
13. _____. **L'attribution de l'énergie**. Paris: Editions du Seuil, 1963.

⁴⁸ TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. O fenômeno humano. o. c.: 270.

14. _____. **La place de l'homme dans la nature.** Le groupe zoologique humain. Paris: Editions du Seuil, 1965.
15. _____. **Science e Christ.** Paris: Editions du Seuil, 1965.
16. _____. **Comment je crois.** Paris: Editions du Seuil, 1969.
17. _____. **Les directions de l'avenir.** Paris: Editions du Seuil, 1973.
18. _____. **Genève d'une pensée:** Lettres (1914-1919). Paris: Grasset, 1961.
19. _____. **Écrits du temps de la Guerre.** Paris: Grasset, 1965.
20. _____. **Lettres de voyage (1923-1939).** Paris: Grasset, 1965.
21. _____. **Nouvelles lettres de voyage (1939-1955).** Paris: Grasset, 1957.
22. _____. **Lettres d'Égypte.** Paris: Aubier, 1963.
23. _____. **Lettres d'Hastings et de Paris.** Paris: Aubier, 1965.
24. _____. **Lettres à Leontine Zanta.** Paris: Desclée, 1965.
25. CHAUCHARD, P. **L'être humain selon Teilhard de Chardin.** Paris: Gabalda, 1959.
26. COFRY, R. **Teilhard de Chardin et le socialisme.** LYON: Cronique, 1966.
27. CRESPIY, G. **De la science à la théologie.** Essai sur Teilhard de Chardin. Neuchatel: Delanchoix, 1965.
28. DE LUBAC, H. **Blondel et Teilhard de Chardin:** Correspondence commentée. Paris: Beauchesne, 1965.
29. _____. **La personne et le drame humain chez Teilhard de Chardin.** Paris: Editions du Seuil, 1967.
30. _____. **Teilhard et notre temps.** Paris: Aubier, 1968.
31. GLEIZE, J. **L'histoire naturelle de l'humanité à travers les pensées du Pierre Teilhard de Chardin.** Lyon: Angel, 1959.
32. GRENET, P. **Teilhard de Chardin: un évolutioniste chrétien.** Paris: Seghers, 1961.
33. JARQUE, J. E. **Bibliografie générale des oeuvres et articles sur Pierre Teilhard de Chardin.** Freiburg: Alber, 1970.
34. LUBAC, H. **La pensée religieuse du Pierre Teilhard de Chardin.** Paris: Aubier, 1962.
35. ORMEA, F. **Teilhard de Chardin, guida al pensiero scientifico e religioso.** Firenze: Vallecchi, 1968.
36. POLGAR, L. **Internationale Teilhard-Bibliografie 1955-1965.** Freiburg-München: Alber, 1965.
37. POULIN, D. **Teilhard de Chardin. Essai de Bibliografie 1955-1966.** Québec: Presses Universitaires Laval, 1967.
38. ROMANO, A. **Bibliografia teilhardiana, 1955-1970.** Roma: Instituto Sensen, 1971.
39. SMULDERS, P. **La vision de Teilhard de Chardin.** Paris: Desclée, 1964.
40. STRANIERO, G. **L'ontologia fenomenologica di Teilhard de Chardin.** Milano: Vita e Pensiero, 1969.
41. TRESMONTANT, C. **Introduction à la pensée de Teilhard de Chardin.** Paris: Editions du Seuil, 1956.
42. VOGORELLI, G. C. **Il jesuita proibito.** Milano: Il Saggiatore, 1963.
43. WILDIERS, N. M. **Introduzione a Teilhard de Chardin.** Milano: Bompiani, 1962.